



PARA ALÉM DAS LIVES

entrevista Camila Menezes

Olá ouvinte, este é o terceiro episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Hoje, a conversa é com a Camila Menezes, multinstrumentista, compositora, cantora, arranjadora, maestrina e produtora musical. Além de integrar diversos projetos, como o Tutu com Tacacá e o Dolores 602, Camila também participa da organização da Mostra Mana de mulheres autoras, cantoras, compositoras e instrumentistas. Ela lançou sua carreira solo em 2021, em plena pandemia, com o EP Bença, produzido por ela mesma e gravado em casa, e recentemente, lançou o single Samba pra Iemanjá. Você pode ouvir as canções de Camila nas plataformas de streaming. Em nossa conversa, ela fala sobre a transformação que a pandemia exigiu e ao mesmo tempo propiciou em seu trabalho, sobre achar caminhos e estar aberta para experimentar e se reinventar.

PARA ALÉM DAS LIVES: música e tecnologia pós-pandemia

Frederico: Ei Camila, tudo bem? Obrigado por aceitar participar. Bom, a gente pode começar... Eu tenho algumas perguntas para fazer. Ou então talvez, de repente, falar um pouco sobre você...

Camila: Eu vou te falar... Deixa deixa eu te dar um panorama de onde eu trabalho na música hoje em dia, até pra gente poder ter uma introdução. Sou professora de instrumento, dou aula de violão, baixo e ukulele. Acabei de dar uma aula de baixo e estou aqui com você! Essa é uma das minhas fontes de renda e de trabalho, né? Uma das coisas que eu faço e gosto de fazer. Também sou maestrina e reço um coral. Esse é voluntário e durante a pandemia a gente utilizou uma forma de comunicação virtual. Eu quero falar sobre isso porque acho que pode ser legal! Talvez você não tenha entrevistado quem trabalhou com coral, né? Grupos online. Então, aulas individuais, canto coral...

Eu também tenho algumas bandas de que eu sou sócia, né? Porque tem aquela banda que você monta, então você é sócia! E tem aquelas bandas que você entra porque a pessoa precisa de um baixista ali. Você entra e toca, e depois pode ser outra pessoa, que é o que a gente chama de freelance. Então, tem algumas bandas que eu sou sócia e a primeira é a Dolores, Dolores 602. E entrei recentemente para a Tutu com Tacacá, que é uma banda de Carimbó. Tem outras bandas que eu sou ou era sócia, assim, mas são covers. Então é mais fácil substituir. E entra [o fato de] eu não estar tão atuante assim. Mas quando é autoral, se a pessoa sai, a identidade sai um pouco. E a identidade tem a ver com quem monta. Então, tem essas aulas, a regência coral, integrando bandas, e eu quero montar também um curso sobre algumas coisas de violão que eu tô planejando. Algumas coisas autorais de ritmo que eu tô bolando. Isso é plano para o futuro.

Na pandemia, lancei minha carreira solo, como cantautora. Eu já tinha feito umas duas inserções em festival de cantautoras, mas eu não pensava em levar isso a sério. E aí, na pandemia foi uma coisa que desabrochou. Outra coisa, uma outra vertente com a qual trabalho na música e que deu para desenvolver na pandemia, foi o trabalho como produtora musical. Eu aqui tô no meu home studio. E foi uma coisa que eu montei durante a pandemia, estudei tudo online e coloquei um trabalho no mundo de forma totalmente online também. Então a gente pode falar sobre isso também, né? Como que essas ferramentas de comunicação tinham relevância antes da pandemia nas coisas todas que eu faço parte.

Grupo de WhatsApp sempre foi escritório de banda, né? Banda não aluga uma sala! É caro para uma banda. Então a gente resolve tudo em grupo de WhatsApp ou Telegram, essas coisas, né? Então, de fato a nossa vitrine são as redes sociais e o nosso escritório são os grupos desses aplicativos de comunicação, em geral. Os drives são os nossos arquivos, onde as coisas ficam! (risos). Isso para as bandas mais organizadas, né? Tem banda que não se organiza muito bem, mas a Dolores é super organizada! Tem um escritório assim super, e tal. A gente se encontra toda semana, tem reunião e tudo mais. Então, isso aí a gente já tinha né? No Tutu a gente também já tinha.

Deixa eu pensar o que mais que que a gente usava... Para o coral, o grupo de WhatsApp era onde eu mandava os arquivos de treino para eles se prepararem para os ensaios. Mas, de fato, os encontros eram presenciais mesmo. A montagem dos arranjos, de todos os aspectos, eram presenciais. As minhas aulas eram presenciais. Todas todas! Eu tinha uma aluna que fazia aula comigo online, porque ela mora na Inglaterra e ela tinha me falado: "Ô Camila, dá aula de baixo para mim!" Eu nunca tinha pensado em dar aula de baixo. Então, aula online eu só dava para uma pessoa porque, nessa época, o único impedimento era cruzar o oceano, né?!

Frederico: Um impedimento e tanto, né? (risos)

Camila: Porque quem morava na mesma cidade, a gente se organizava: a pessoa vinha aqui, ou eu, nos meus deslocamentos pela cidade, passava pela casa da pessoa e dava aula lá e vinha para cá. Ou então procurava um professor que fosse mais perto. A gente não visualizava essa possibilidade. E quando veio a pandemia, de cara eu tive que passar os poucos alunos que eu tinha... Eu tinha poucos alunos porque a minha frente... Em 2019, o que aconteceu, Fred: eu fiz muito freelance! Era uma coisa, assim, que não era comum na minha vida. Eu tava lá na minha vida tranquila, tocava as minhas bandas de choro, na Dolores e no Tutu, beleza. 2019, foi um ano em que eu levantei 12 shows do zero! Repertório de 12 shows! Quer dizer, dá mais ou menos 100 músicas! Até reger bloco de carnaval eu regêi! (risos). Regi não, eu cantei em bloco de carnaval em 2019! Foi louco. Então foi um ano atípico na minha vida. Eu participei desses 12 projetos. Foi muita coisa.

E com a vinda da pandemia? Então, eu tinha pouco aluno por isso, porque eu tava tocando muito, né? Tava dando aula de canto coral na associação Querubins também. Era um deslocamento grande. Essas coisas. Com a vinda da pandemia, os trabalhos presenciais tiveram que dar uma pausa e eu comecei a conversar com os meus alunos para a gente fazer aula online. Fomos experimentando as ferramentas: o Zoom, o próprio WhatsApp, e fiquei no Skype. Não sei se isso interessa para essa pesquisa.

Frederico: Sim, é bom saber o que funciona ou não das ferramentas.

Camila: [O Skype] É a ferramenta que eu mais gosto porque o chat dele é permanente. Então, eu anoto o dever de casa e as pontuações de aula ali. A pessoa, pela data, ela consegue acompanhar o que foi a aula. Eu consigo enviar arquivos e, muito importante, eu consigo... Tem duas coisas muito importantes, três coisas muito importantes: a anotação, o chat permanente, e a terceira são as atalhos de teclado que funcionam muito bem. Se eu quiser mutar meu microfone sabe? Se eu fizer essas coisas que precisam ser rápidas, passa uma moto, né? Chatice... Então é muito fácil. E o compartilhamento de tela no Skype, para o aluno ver o que eu tô vendo e ouvindo, para poder mostrar: é isso; é aquilo; [faça] de tal forma... Fiquei nesse cara. E começou a aparecer muita gente que quis fazer aula, porque tinha tempo, dava para realizar vontades que sempre teve e nunca pôde. Então minha carteira de alunos cresceu muito nessa época. E hoje a minha principal fonte de renda é dar aulas.

Os projetos, muitos dos que eu fiz em 2019, ficaram por lá. Eram freelance, uma coisa ou outra, e eu não consigo pegar tanto freelance mais também. Tô com as minhas bandas em que eu sou sócia! (risos). Tô tocando numa banda de choro que é a Quarteta. Mas estou evitando tocar choro, porque eu tô com uma dor nesse dedo. Eu toco violão de sete cordas, seis, né? Com sotaque de sete. Tô evitando por causa disso.

E com a entrada da no ano de 2020, eu já tinha começado a realizar uma coisa que eu queria muito, que era estudar a produção de áudio, trabalhar com áudio. Que é o que você faz lá [na UFMG], né? Não sei exatamente o que você faz, mas eu queria. Eu já tinha passado, muitos anos como maestrina. O nosso trabalho lá na Olhos da Luz é muito, muito grande. A gente já tinha gravado um disco de 20 faixas. Depois, a gente gravou um álbum duplo de 20 e poucas cada um. Então, eu já tinha participado da gravação de umas 60 faixas em estúdio. E a gente já tava na produção do terceiro trabalho, que ia ter seis CDs! Par você ter ideia! Só a coro já tinha gravado 75 músicas! E eu já tava fazendo arranjo para os outros instrumentos e gravando. Então, a minha vida dentro do estúdio era muito... A carga horária era grande até então. Eu já sabia muito a que fazer para



resolver problemas de áudio, lidar com os microfones, mas eu não sabia operar a máquina e eu queria muito. Aí, eu já tinha começado a pensar o que fazer. Fiz uma aulinha com o Fred Selva, que eu falo que foi só uma aulinha, mas eu queria que fosse mais!

Eu tinha um equipamento, um gravador Zoom H6, que usei como interface de áudio para começar. Meu notebook era muito defasado. Era um Acer comum. Não tinha potência. Eu tive que trocar. Comprei um Gamer para ele conseguir [funcionar bem], com placa de áudio, placa de vídeo separada e tudo mais. E fui usando o Zoom como interface [de áudio]. Depois, meu irmão me deu muita força. Meu irmão tem um estúdio em Goiânia. Ele trabalha gravando, editando e mixando. Então, ele me deu alguns toques.

E eu fui estudando muito. Comecei a fazer as aulas do Paulo Anhaia no YouTube, o Pedro Peixoto, que é um dos top mixers de BH e é referência no Brasil. Com a entrada do... Como é que se chama aquele aplicativo? Tem a ver com tecnologia de comunicação online. Eu já apaguei ele. Porque enche o saco acho que ele também deve ter diminuído. Mas eu entrei e fiz uma conta lá. Me convidaram, e eu entrei e ele tava falando o dia internacional da mulher: “Ó, todas as mulheres vão ganhar meu curso vitalício”, e eu falei “opa!” (risos). Ganhei o curso do Pedro Peixoto no Close Friends dele e tudo o mais. Então, assim, essas ferramentas Hotmart, né? O Close Friends dele tá no Hotmart, que é um onde ele vai soltando pílulas e dicas. Fiz mais um outro curso que ele também deu através do Google Drive, e permitiu baixar. Tudo isso são ferramentas, né? Esse aplicativo que eu esqueci o nome. Que começou no iPhone, depois foi para os outros celulares, não me lembro. Foi lá que eu acessei essa conversa.

E tudo isso... Bom eu, eu... O que que acontece: a pandemia me deixou triste, mas não me paralisou. Essa é uma coisa que eu acho importante, sabe? A gente ter objetivo ajuda muito a gente a não paralisar. Apesar de ter sido um momento muito difícil, muito difícil e angustiante pra caramba. Eu perdi familiares durante a covid. Mas eu não parei. Eu pensei assim: quando acabar esse negócio, eu tenho que tá fazendo alguma coisa. O que é que eu vou botar no mercado? Quando acabar esse trem, né? E se ele não acabar? O que é que eu vou fazer da minha vida? Tem que ser alguma coisa...

Então, nesse período meio que me formei produtora de áudio. Eu estudei, estudei, estudei, estudei e estudei! Comecei a fazer umas produções. Mixei uma música que a Dolores lançou, que foi uma releitura que a gente captou com celulares. Depois eu fui aprimorando: fui comprando coisas aqui pro meu estúdio. Hoje eu tenho microfone, esse aqui é um Neumann, sabe? Você tem microfones bons hoje em dia, mas fui aprendendo aos poucos a escolher, né? Tudo isso pela internet, seguindo hashtags no Instagram, lendo tudo, aprendendo tudo, enfim.

E aí, o que aconteceu? Veio a Lei Aldir Blanc e eu peguei e gravei um trabalho meu. Falei: “vou me usar como cobaia para eu aprender mais sobre produção de áudio”. E aí, eu tinha condição. Como eu

toco vários instrumentos, eu sou compositora, eu peguei as minhas próprias músicas, fiz os arranjos, gravei todos os instrumentos. (risos) Os que eu não tinha como gravar - percussão, bateria - eu montei na mão mesmo o arranjo. Ou então, peguei pequenos samples e modifiquei. Enfim, fui fazendo arranjos e lancei para o mercado. Fiz também assessoria de imprensa do meu próprio trabalho. Aprendi uma série de coisas, sabe? Como fazer na humildade, na tranquilidade de que é fazendo mesmo. E aí hoje eu tô trabalhando com produção de áudio. Eu gravo, por exemplo, se você precisar. Estamos fazendo uma música. Você precisa de um baixo na sua música, um violão ou uma guitarra qualquer coisa que eu possa gravar aqui. Eu gravo da minha casa, entrego pra pessoa e ela usa lá onde ela tá. Eu gravo, remotamente. Da mesma forma, também faço mixagem de músicas ou de trilha sonora para outras pessoas. Crio trilha sonora. Então, hoje, eu não saio de casa para trabalhar. A não ser que eu tenha show.

Frederico: É uma história muito legal essa. Não é uma transformação, mas você abriu um outro leque, né? [Um leque] grande de possibilidades! Muito legal na verdade! E teve a ver com muitas coisas, né? Eu acho muito bonito o que você falou, né? Que a pandemia foi um choque para todo mundo, mas também isso: a gente não pode parar de viver. Você não pode parar de viver, né? Você tem que ter... Para onde que vai, de algum jeito. Construir caminhos também... Um jeito de sair de algum lugar, né? Ou sei lá! De permanecer, enfim, na vida, né? E então, é muito legal porque ao mesmo tempo você não se deslocou, né? Porque acho que teve casos que foram mais radicais, tipo: a pessoa tava fazendo música e parou de fazer música e foi fazer outra coisa. Foi fazer... que seja próximo, mas fazer vídeo, não sei. Mas não, sabe? Outros leques dentro da sua própria [área]. E aí teve um espaço para você explorar outros caminhos pessoais também, né? Porque é muito legal. Achei sua trajetória incrível. Muito bacana! Traz muito elemento mesmo.

Achei também interessante, aí completando assim... Quer dizer, você já deu resposta para muitas perguntas, né? (risos) Aí, vamos pro detalhe de algumas questões. É difícil também porque algumas perguntas têm a ver com isso, né? Mudança de gênero [musical] e tal, de estilos. Não é o seu caso, porque você transita em muitos estilos dentro dessa coisa tão grande que a gente chama de MPB, né? É assim, tudo bem que tem MPB e MPB, né?

Camila: Mas, assim, é música brasileira em geral, né?

Frederico: Exatamente. Então são muitas possibilidades. Eu ouvi também o seu EP, que você fez com a Aldir Blanc e tal. Muito bonito também, inclusive. Ouvi também um pouco do coro com os Querubins, bem fofo. Mas eu queria te perguntar é... Quer dizer, teve essa migração. Eu acho que isso também é um ponto interessante que você falou. A migração dos alunos, né? Isso se deu naturalmente? Seria inte-

ressante para a gente saber como acontece a migração, né? Foi uma coisa que naturalmente aconteceu? As pessoas foram te procurando ou você fez um movimento para que isso chegasse a mais pessoas?

Camila: Não. Era gente que já me conhecia. O que acontece: algumas pessoas quiseram fazer aula, perguntaram se conheciam alguém e me indicaram. E aí, um movimento natural que tem a ver com as tecnologias de comunicação que são as redes sociais, meus alunos, às vezes, tiravam print da aula. Aquela coisa que não dá para fazer no ao vivo, a não ser selfie. Mas no online, você tira um print. E eles postavam no Instagram: “minha professora, não sei o quê! Hoje eu aprendi isso e tal”. E aí me marcavam, eu repostava e as pessoas viam. Eu nem divulguei. Era assim, muito natural. Eu repostava e falava: “nossa, esse fulano é massa demais, gente! Tá dando show na aula!” E aí, as pessoas vinham fazer aula: “Ô Camila, você tá dando aula? Como é que é?” Então, foi muito natural.

Eu divulguei da virada de 2020 para 2021. Falei assim: “acho que esse trem vai durar um pouco mais. Acho que eu posso pegar mais alguns alunos”. E aí, eu quis aumentar um pouco esses aqui, sei lá. Mais uns três ou quatro [alunos]. Falei: “é que aí minha renda vai ficar interessante para eu poder me equipar mais no estúdio também”. Daí eu divulguei e chegou exatamente a quantidade que eu queria em poucos dias, em dois dias. Daí, eu já fechei. Então, graças a Deus, não tem do que reclamar sabe? Fico feliz.

E uma coisa que eu queria comentar com você que é interessante, não sei se tem a ver com essa pesquisa, mas tem a ver com essas mudanças. Antes da pandemia, eu cruzava a cidade de Belo Horizonte pelo menos uma vez. Eu ia para Sabará, porque o coral é lá. Eu ia lá no Querubins, que é lá no Acaba Mundo, né? O Acaba Mundo fica lá perto do Belvedere e eu moro na Pampulha. Eu ensaiava no centro. Então, assim, eu fazia um ou dois deslocamentos grandes por dia. A gasolina não era tão cara, né? A gente ainda tava com resquícios aí do tempo do PT, que era uma benção na nossa vida!

Mas hoje em dia eu ganhei tempo, né? Não desloco. Faço tudo daqui de casa. Saio para um ensaio ou outro, para um show ou outro. As coisas estão retornando agora. Então, economiza muito também, né? Questão de gasolina, de desgaste de carro, de poluição. Enfim, eu sinto que a qualidade de vida para mim melhorou. [Tinha] o risco de vida no trânsito. E hoje eu tenho uma, duas, três, quatro, cinco alunas na Inglaterra, um dos Estados Unidos, uma da Bahia. E eu converso com gente que não imaginava. E nessa coisa da assessoria de imprensa, que eu fui fazer, acabei descobrindo canais de divulgação fora do país que são muito abertos. Hoje tem uma rádio que eu sou praticamente parceira deles, no Peru. Eles assim, são super tranquilos, são átimos! Outra no Japão. Então, assim, a internet, de fato, veio mostrar para a gente pessoas que são abertas e querendo trocar, e que a gente não conheceria se dependesse da proximidade física, né?

Frederico: Muito legal você falar isso, porque realmente, a pandemia, em parte, ela trouxe isso mesmo, né? A possibilidade de circular de uma outra maneira. Reduzir distância. Eu sei que é um discurso até antigo da internet, né? Essa coisa de reduzir distâncias e tal, mas realmente se materializou né? Você contou um caso aí que foi bem efetivo. Experiências desse tipo: a gente ter contato com a gente da América do Sul que não tinha; saber de projetos. Tem tantas coisas legais acontecendo e a gente não tá sabendo, né? Estamos aqui no nosso nicho e perdendo isso. Isso é muito legal.

Eu queria te perguntar outra coisa. Essa coisa de circular online. E aí eu penso... Você tinha mencionado essa coisa do próprio canto coral, né? Como é que funcionou isso, já que é algo mais complexo?

Camila: Então, lá onde eu reajo o coral é na Casa de Auxílio e Fraternidade Olhos da Luz. É uma casa espírita em Sabará e quem coordena o trabalho lá na Olhos da Luz é a espiritualidade. É uma médium inconsciente. A gente conversa direto com a espiritualidade sem a interferência da consciência do médium. A espiritualidade da casa pediu para que o coral desenvolvesse um trabalho online. Aí, na hora que me falaram isso... A médium que me falou que eles tinham pedido. Falei: “tem condição não! Como é que vai ser? O coral precisa se ouvir, e vai chegar o áudio atrasado, vai virar bagunça”. Aí ela falou assim: “você pode. Vocês vão fazer com aquelas janelinhas assim, sabe?” Falei: “Sei, tipo Zoom”. Ela falou: “Isso. Vocês vão se reunir num determinado horário que vocês combinarem, e vocês vão gravar uma música por semana. E essas músicas, você vai montar um vídeo, que vai entrar para as reuniões”. Porque lá na casa tem reuniões semanais de estudo e tal. E o coral sempre canta. Então ela falou: “Cada semana vocês vão produzir uma música que vai entrar no vídeo da reunião”. Que estava acontecendo no Facebook. Falei: “Gente, como que vai ser? Ela falou: “O plano espiritual falou que você tem tutano, que você vai descobrir um jeito”.

O que a gente bolou? Vou te contar porque é muito legal. Até para divulgar isso para outros corais poderem fazer. A gente, o coral, já conhecia os arranjos. Então, o que a gente fazia? Eu passava: vai ser música tal no próximo ensaio. Eu fazia um áudio de treino de cada naipe, mandava no grupo do WhatsApp [e dizia]: treina isso. E a gente fazia o seguinte: eu ficava com o meu microfone aberto e todos com o microfone fechado no Zoom. Cada um pegava o seu celular e gravava a sua voz. 40 (quarenta) pessoas tá, Fred? Você pensa aqui na minha (ruído). Tudo bem, a gente se reunia online, cada um com seu uniforme, em seu celular. Eu mostrava para eles o posicionamento, para ficar bom, claro. A gente dava aquela palma: um, dois, três, para poder facilitar a sincronização e também para todo mundo ficar focado: é agora! E aí, eu cantava. E quando tinha que tocar, tocava daqui. Eu cantava num dos naipes, os outros tinham que se virar. Mas sempre a gente filmava a tela: “tá ali o vídeo pronto”. E um dos naipes que eu cantei pelo menos estava pronto. Se fosse necessário em seguida, eu cantava com os outros naipes e

eles gravavam a voz deles lá dentro dessa segunda vez, mas pelo menos a mímica para o vídeo tava pronta.

Muitas vezes de primeira já rolava, porque já tinham treinado antes da pandemia. Aí, eles me mandavam esses 40 áudios, eu empilhava eles no Ableton Live, editava, porque com pico de internet toda hora, eles se perdiam. Então, era minha função: eu ficava ali um dia inteiro mais ou menos, umas 8 a 10 horas de trabalho, recorrendo o áudio, colocando no lugar. Eu não afinava, porque no coro, no geral, as vozes se afinam. Então, eu só trabalhava a dinâmica de volume, editava, colocava todo mundo junto, porque eu sei que se eles estivessem juntos, eles iam cantar juntos, não tinha nada roubado ali não! Tudo real.

E aí colocava isso no vídeo e mandava. Pronto! Eu posso até te mandar o link para você ver uma das reuniões em que o coral apresentou, para você ver o formato do vídeo.

Frederico: Eu quero, quero demais ver isso! Nossa, um trabalho! Mas legal demais!

Camila: É muito massa! E a gente fez, a gente produziu, sei lá quantas músicas! Quantos vídeos... A gente ficou um ano e pouco fazendo um por semana. Dá uns 40, 50 vídeos, sei lá!

Frederico: Muito!! Mas muito legal também. Agora, é isso assim, um envolvimento pessoal super intenso, né? Para fazer acontecer. Muito legal isso também, né? Essa doação, né? Porque é uma doação mesmo.

Camila: Tudo voluntário. Mas olha para você ver: enquanto eu fazia isso, eu ganhei muita agilidade aqui na edição no home studio. Ganhei vários insights de criatividade: como solucionar problemas de edição e de mixagem. Aprendi a mexer com vídeo, que eu não sabia. Então, assim, se a gente souber ver as oportunidades, né? Tipo assim, tirar [algo] da nossa deficiência. É uma coisa que a gente pode crescer. É ótimo. A pandemia tirou de nós a proximidade física. A gente teve que lidar com isso, né?

Frederico: Eu acho que você falou muito legal também: atitude, né? Acho que isso é uma coisa muito importante nesses momentos de revés, né? Achar soluções. Porque você também escolhe. Você tá falando o tempo inteiro disso, dessa abertura que você tem, essa disposição que você tem para poder achar a solução dos problemas, né? Assim: ah, tem isso então para onde eu vou? Ah, vou por aqui e tal, né? Acho isso muito legal, porque isso também serve como... A intenção final desse trabalho de pesquisa também é ter uma espécie de manual de boas práticas. Acho que isso é um começo do manual de boas práticas, né? Como você encara o revés. Então, se você tem a tecnologia problemática, como é que você encara isso? Como é que você acha soluções dentro disso, né? Então é muito le-

gal isso que você falou, de achar a solução de outro jeito, né? Nem foi tanto assim tentar tirar leite de pedra... Fazer a tecnologia resolver. Ela não resolveu, mas você conseguiu resolver de outro jeito. Então é muito interessante.

Camila: É ser criativo, né?

Frederico: Exatamente! Ser criativo, não é? Exatamente. Eu ouvi algumas falas que são muito legais mesmo! [Seria] bom você falar outra coisa das redes também: como é que apareceram as aulas, né? Mais uma coisa que me chama atenção: qual foi a sua relação com a Aldir Blanc? Como é que foi o processo? Foi legal? Você achou que funcionou bem? O que que se abriu com esse edital? Assim, eu entendi que você foi construindo muita coisa ao mesmo tempo durante a pandemia. Então, você também não estava naquela coisa, talvez assim: “nossa, a Aldir Blanc é minha salvação”. Não era isso, né? Era mais: “nossa, é uma possibilidade de eu realizar mais coisas aqui, com esse novo canal” Como é que foi a experiência da Aldir Blanc, especificamente?

Camila: Por mais que eu já tivesse a questão da renda estruturada na pandemia, o fato de você ter... Primeiro, foi difícil pra mim. Eu nunca tinha tentado edital, feito projeto... A Dolores já tinha aprovado uma vez um projeto, mas eu não participei da proposição. Então, foi tudo muito novo. Dei umas tropicada boa no processo, sabe? Errei algumas vezes. Foi difícil essa parte, mas a parte da renda já estava resolvida, mas me ajudou, porque eu quase... Eu fiquei com pouco dinheiro para mim, mas eu pude pagar profissionais e ter experiência de contratar os profissionais que eu queria, do jeito que eu queria. Então, eu pude pagar uma assessoria de imprensa, eu paguei uma gestão de redes sociais, arte gráfica... Quê mais que eu paguei com esse dinheiro? Design.

Então e o resto eu fiz. Se eu tivesse pagado pelo estúdio, teria tudo indo embora! Então, não se justificaria também. É um edital emergencial, né? Então eu tenho que favorecer a pessoa que tá fazendo. Mas rolou uma graninha que deu para comprar uma mesa de som, entendeu? Se deu para me equipar mais, então foi bom. E a questão do prazo também, não é? O fato de ter prazo ajuda muito. Porque os projetos pessoais, não sei com você, mas acho que para muita gente a gente faz tudo, e deixa o que é nosso para o final, se der tempo! E o fato de você ter um prazo, faz com que você faça. Me fez fazer, assim, sabe? Então eu me organizei em termos de cronograma. Eu fiz um cronograma para conseguir cumprir. Deu certinho, eu sou organizada! (risos). Eu só, às vezes, me deixo por último! Que é uma coisa que eu tô treinando para não fazer também, para me dividir com os outros.

E agora eu vou fazer a segunda parte. Eu lancei uma trilogia, né? Com o projeto da Aldir Blanc que, inclusive, foi mal pensado em termos de grana. Porque poderia ter lançado uma música só, né? Foi

muito trabalho para pouco dinheiro, vamos dizer assim. É muito mais caro fazer três músicas do que o dinheiro que eu de fato recebi. O governo dá o dinheiro para a gente e come quase 30% de imposto, né? É uma coisa estranha. Então tem essa perda. Mas, em termos de projeto, foi ótimo, porque o fato de eu ter feito três músicas, me permitiu experimentar muito, ser um laboratório para o que eu quero fazer em seguida, agora.

Eu continuei. Em fevereiro eu lancei o “Samba pra lemanjá”, foi uma continuação. E aí eu já tinha ideia dos prazos: “eu preciso mais ou menos de um mês na minha agenda para produzir uma música”. Então vou começar em tal época, eu preciso de tal prazo para distribuidora colocar no ar. Enfim, me ajudou nisso tudo. E agora, no segundo semestre, pretendo lançar um EP, com mais umas cinco ou seis músicas. Tô até um pouco apertada já! Vou ter que fazer mais de uma música por mês! (risos) Mas já dá uma visão, sabe? Me deu uma visão de planejamento. Eu fiz tudo, né? Eu era minha própria produtora. Eu tinha uma pessoa para me orientar, que é o Orlando, mas era assim: se eu precisasse de orientação, recorria a ele.

Frederico: Ficava mais livre para se... Para fazer tudo funcionar você mesma, né? Mas ao mesmo tempo tem uma pressão, né?

Camila: É. Rola uma sobrecarga, mas é o preço da liberdade: a sobrecarga.

Frederico: Mas muito legal porque foi um espaço de aprendizagem, né? Quer dizer, você usou bem como um espaço de aprendizagem a lei Aldir Blanc. Isso é legal também.

Camila: Acho que não tinha nem jeito de não usar também, porque tudo é novo, né? (risos)

Frederico: É isso. Muito sem história, né? Sem história prévia. Mas acho que é legal essa experiência. Mas agora outra coisa, que eu acho que não foi o seu caso, pelo que você relatou, mas que outros músicos fizeram muito. Você chegou a fazer Lives? Ou participar de Lives de outras pessoas? Ou ser contratada para a Lives?

Camila: Contratada não. Assim, eu participei. Ah! Teve mais uma coisa que eu fiz nesse período também que vou te contar! Eu participei de Live representando a Dolores. Assim, Live de depoimento, de conversa, né? Teve um festival em que uma das atividades dele era Live com artistas: falar sobre o mercado e tudo mais. E aí, a gente foi. Nesse caso conta como divulgação. É raro a gente ser pago para dar uma entrevista sobre o nosso trabalho.

Frederico: Infelizmente é verdade? Tô eu aqui ocupando seu tempo sem nenhuma remuneração. (risos)

Camila: (risos)

Frederico: Obrigado!!!

Camila: Depende, mas no mercado musical é entendido assim: você vai dar uma entrevista, você tá ganhando divulgação. Então tá pago, né? A Dolores participou de uma Live. A Débora cantou e tocou representando a Dolores. Então, foi nesse sentido. Eu participei... Marina Gomes! Marina é uma sambista e compositora maravilhosa de Belo Horizonte que já tem muitos anos de carreira. Se pá, uns 15 a 20 anos de carreira. E ela é, ela é bruta, assim. Na pandemia, Marina é uma que aprendeu a tocar violão! Ela tocava um básico. Pegou aula, estudou para caramba, e hoje ela consegue segurar um show dela, com aqueles acordes cabeludos todos, sozinha. E ela começou a fazer umas Lives semanais, tipo a Teresa Cristina. Só que ela fazia com ela e o violão dela, e patrocínio de uma cerveja que ela conseguiu. E aí, ela me chamou e eu participei cantando as minhas composições. Então foi uma coisa de cantautora. A única Live que eu cantei, foi a dela.

Quando começou a pandemia, quando ainda não tinha muita gente morrendo, era só isolamento, eu fiquei pensando muito nessa coisa do convívio, na alegria que faltava para a gente. O tanto que a alegria nutria a gente. Aí, eu fiquei quebrando a cabeça para pensar como é que eu poderia fazer uma rodinha de violão com a galera. E eu pensei... Antes do lance das Lives, eu pensei como fazer. Eu descobri, no Facebook, como fazer um esquema privado. Eu não queria fazer Live para qualquer pessoa. Queria reunir os amigos. Quem quisesse, eu estaria ali com meu violão cantando. E se alguém mais quisesse cantar e tocar também, era o momento da gente se encontrar.

Eu fiz isso durante uns dois meses, aos domingos. Eu abri um grupo no Facebook. Chamava “Festinha” (risos). Antes da coisa ficar feia. Quem quisesse. Eu fui chamando uns amigos e falei: quem quiser, pode entrar. Domingo, de 2:00 às 4:00 [da tarde], nós vamos tocar um violão lá. Eles só me viam. O ruim é que eu não via eles (sic), mas era um jeito, assim, de fazer. E aí eles pediam música no chat: “Camila, canta tal!”, “aí, que legal”. E eu falava: “gente, conversa comigo! Não me deixem sozinha!” Então eles interagiam no chat e a gente ficava ali. Eu fiz umas quatro assim, sozinha. Depois eu, nas próximas, eu chamei um amigo, que é o Lucas Ladeia. Ele tocou e cantou. Depois veio uma outra amiga - agora eu não lembro quem foi - que cantou e tocou. Então, a gente fez umas coisas assim. Durou um tempinho. Foi bem no início, mas com o objetivo mesmo de não deixar a peteca cair, sabe? Não entrar em depressão, ajudar meus amigos mais idosos também, eu também. Era um momento de alegria.

Frederico: Super bonito, né? E também não tinha essa intenção de ser, assim, uma fonte de renda, mas uma outra ideia, né? Uma coisa mais do afeto.

Camila: Era isso. Porque até a gente conseguir se reorganizar numa nova rotina, né? Aí eu pensei: “bom, vamos fazer uns encontros”. Aí o pessoal falava: “olha eu fiz hoje biscoito!”, não sei o quê. “Estou comendo aqui”. Eu tipo: “pô, manda aí!”. Era o momento de dar uma zoadada assim, sabe?

Frederico: Muito legal! Também, é isso, não tinha um foco de... Porque muitas pessoas foram tentando achar soluções financeiras, sobrevivência, via Lives, né? O que, em muitos casos, não deu certo. Porque foi uma saturação de Lives. Era difícil, né? É difícil! É difícil ter espaço para todos...

Camila: É. E tela cansa, né?

Frederico: Tela cansa.

Camila: Eu adquiri esse astigmatismo na pandemia!

Frederico: É mesmo? Que péssimo!

Camila: Mas... Tem outra coisa que eu ia te contar. Você quer comentar ou perguntar alguma coisa antes de passar para ela?

Frederico: Não. Pode falar, pode falar. Não quero. Achei muito bonito isso que você falou dos afetos! Mas, não tenho não [nada para perguntar]. Pode passar.

Camila: É porque foi um projeto que me chamaram para participar em 2019. Aí, inscreveram num edital, foi aprovado. 2020: “ó, vou esperar passar o carnaval para a gente começar”. [Pensei] Beleza. [e veio a] Pandemia. E aí, ficou adiando um pouco, mas uma hora, que chegou, assim, pro final do ano de 2020, o pessoal falou: “vamos fazer online, vamos começar”. Era um projeto da Amorina, Maíra Baldaia e Débora Costa. A Amorina e a Baldaia foram alunas da Titane e do João das Neves, naquele projeto Titane e o Campo das Vertentes, que gerou o grupo Rosa dos Ventos.

Eles pegaram artistas muito iniciantes, gente que não tinha ainda experiência de palco, mas que tocava um instrumento ou que cantava, e que tinha vontade de seguir carreira artística. E aí nessa turma foi Bia Nogueira, Irene Bertachini, quem mais? O irmão da Bia, que eu esqueci o nome agora. Adoro ele, mas esqueci o nome. Amorina, Maíra Baldaia, aquele menino que é do cantor do Então Brilha e que é do Coração Leviano também, Rubens Aredes. Essa galera toda foi formada nessa época. Foi tipo em 2000 e poucos, por esse projeto da Titane e do João das Neves. E aí a Amorina e a Baldaia quiseram fazer um projeto para retribuir, de certa forma. E formar novas pessoas no campo artístico musical e do teatro, [pois] a Baldaia é do teatro também. Chamou Revoada, uma coisa de levantar voa mesmo. E chamaram a Débora Costa. Então ficou assim:

Amorina dando aula de voz, Maíra Baldaia de teatro e a Débora Costa de percussão, para montar um espetáculo no final. Para esse espetáculo teria uma banda de apoio formada pela própria Débora Costa na percussão, eu no baixo, violão e guitarra, ou o que fosse de cordas, e o Tiago Quintino no piano.

E aí, elas tiveram que reestruturar o projeto. Começaram a dar as oficinas online e a ideia seria gravar o espetáculo sem público, no teatro, mas isso sem vacina ficou complexo, sabe? Assim, de fazer. Então a gente começou a fazer a produção, a pré, os arranjos, tudo online. A banda, né? A Débora, o Thiago e eu. A gente se reuniu e a gente acabou descobrindo que a gente é um grupo que funciona muito bem. Foi ótimo. Me aproximei deles, e viraram parceiros de produção agora.

A gente fez os arranjos online. A Débora, ela era diretora musical. Ela mandava: “eu pensei nessa ideia para música. Ela vai crescer aqui”, não sei o quê e “essa base rítmica”. E cada um criava o seu instrumento, dava umas ideias para todo, e a gente, cada um com seu, posso adal, né? Ia criando o arranjo. Gravava em casa mesmo, e alguém montava, geralmente eu montava, porque eu tava mais experimentada nessa coisa de mixagem.

E aí... Eu não sei o que que rolou no final. Ah, depois, no final das contas, tentaram ainda gravar o espetáculo de várias formas, mas não deu. Fizeram uns vídeos ao ar livre, lá perto do Topo do Mundo, com as e os educandos, os oficinandos, sei lá, como chama. As pessoas. Usando o áudio que a gente gravou, já de forma profissional, com arranjo já fechado. E a gente fez uma gravação profissional mesmo, que foi mixada e tal e usada. E produziram vídeos no final das contas. Então, assim, ninguém se encontrou com ninguém. Só esse pessoal que fez as oficinas se encontrou nesse dia lá, mais nada.

Frederico: Nossa! E que radical isso, fazer funcionar isso! Uma loucura! Mas também, é isso, faz parte desse processo todo de achar soluções, né? De como fazer funcionar. Ainda mais que já tava rolando, o projeto já tava em movimento, né? Mas, muito legal! Já queria ver também! Tem os vídeos? Ficaram gravados?

Camila: Ficaram no youtube do projeto Revoada.

Frederico: Ah! Procurando eu encontro, né?

Camila: Se você não achar, me fala que eu te mando.

Frederico: Muito legal isso também. Gostei muito. Ah, tem uma questão aqui que não tem tanto a ver assim diretamente, mas tô até pensando se na sua fala apareceu de alguma maneira. Talvez, assim, um pouco de fundo. O pessoal que trabalha mais com a parte da técnica mesmo ficou menos apoiado, vamos dizer assim, nesse período, né? Teve menos soluções e foi menos visto em relação a

políticas públicas que pudessem auxiliar, né? Teve pouco movimento nesse sentido. E aí, é uma pergunta que tem a ver com isso. Não vou ler a pergunta que tá aqui porque não precisa. Mas é mais ou menos essa ideia mesmo, né? Se você teve a oportunidade de alguma forma de envolver pessoas que eram da técnica, não sei porque foi tudo muito online, né? Então isso não aparece.

Camila: Na verdade, no meu caso, eu quis me usar como cobaia no campo da técnica, para eu aprender a técnica. Então, eu não quis contratar ninguém, senão eu ia tirar de mim a oportunidade de aprender. Foi por isso, se não eu teria contratado, sabe? E eu não precisei de foto e iluminação. Não gravei show no teatro pra ter técnico de luz ou de som, ou coisa assim. E como meu trabalho foi de gravação em home studio, a técnica fui eu mesma. E aí, eu era artista também, então não precisava ter contato com ninguém, né?

Pro Revoada, houve a contratação de um cara para mixar, porque foi antes de eu fazer o Bença. Porque eu fiz o Bença ano passado, 2021, e a gente gravou as coisas no início de 2021. Eu não tinha ainda tanta experiência com mixagem. Aí eu não quis assumir [a função] e contrataram um cara, que agora eu não sei mais quem foi. Acho que foi o Rodrigo que fez a mixagem. Mas, de fato, a galera da Luz, roadies em geral.

Frederico: Isso. Ficou bem sem trabalho. Ficou bem sem uma perspectiva assim... Mas o problema foi esse também, que era uma situação que não tinha... Em que a inserção foi difícil, né? Como não tá acontecendo nada que demanda esse tipo de produção, o que que acontece? Tinha que ser direto com um edital de auxílio mesmo.

Camila: Teve aquela plataforma que foi criada que é o Salve a Graxa, mas tem também seu limite, né? Porque, chega uma hora que satura também... É uma luta.

Frederico: E você não fez nenhum uso dessas plataformas, né? Como você falou desse aí, eu lembrei, né? Essa coisa de crowdfunding para alguma coisa. Você não lançou mão de nada disso não, né? Desses apoios que são... Aliás, uma pergunta. Ao mesmo tempo, seus trabalhos circulam nessas redes que... Eu ia falar são monetizadas! (risos) Mas são assim, ridiculamente... (risos). Mas você está inserida nessas redes de circulação das suas músicas etc. Mas durante a pandemia você lançou mão de alguma coisa específica, tipo crowdfunding? Acho que não, né?

Camila: Não.

Frederico: Fora a Lei Aldir Blanc, não, né? Porque as coisas foram de outro jeito, né?

Camila: É. Só a Aldir Blanc mesmo. Ah, a Dolores tinha um projeto aprovado no Fundo (Fundo Municipal de Cultura) para fazer a Mostra Mana, e a gente teve que parar. Agora é que a gente vai começar a fazer, a realizar. É uma mostra de compositoras. A gente, cada um se virou. A gente não fez nada pela Dolores e eu também não fiz crowdfunding,

Frederico: Eu vi alguns casos que, um caso de DJs, em que já existia uma plataforma, uma rede entre eles mesmos e tal, como um meio de alavancar todo mundo, sabe?

Tem um grupo que é do Instagram e tal, que me esqueci do nome agora. Eu tenho ele aqui. E aí, mostra toda hora um DJ. Fala do cara, onde fica tocando, que tipo de música, né? Então era uma plataforma para fazer circular essas pessoas numa rede. E depois, com a pandemia... Isso já era antes. Eles já tinham esse grupo. E aí, quando veio a pandemia, esse grupo ajudou a fazer uma espécie de rede de colaboração, sabe? Um atua ajudando o outro em alguma coisa. Participar de coisas, convidar uns aos outros para eventos e tal.

Sei lá. Virou uma rede mais forte. E aí com isso, algumas pessoas... Conversei com a Black Josie, né? - ela é muito legal também! É outra pessoa que é muito bacana - . As pessoas foram abrindo leques de ação, como você estava falando. Foram criando as possibilidades e tal. Eu ia te perguntar disso: se você participou ou soube de alguma rede nesse sentido. Uma rede de artistas, por exemplo, que estava com essa ideia de tentar fazer coisas coletivas, de se apoiarem um ao outro, ou tentar achar espaço para que as coisas acontecessem. É uma curiosidade, na verdade.

Camila: Não. Assim como grupo, de forma organizada, fora o Salve a Graxa, que foi uma grande campanha que a gente divulgou muito, né? Acontecia essas Trends do Instagram, né? Tipo assim: "marque aqui o trabalho de mulheres que você admira". Esse tipo de divulgação espontânea aconteceu muito, mas não é um grupo, né? É uma coisa, é uma linha que passa por você, se você pega ela continua ali. Se não, você não pega, não acontece. Eu vi bastante.

Essa coisa da gente estar online, não tá presencial, permitiu a gente fazer redes diferentes assim, né? Tipo a Marina me convidou pra Live. Eu jamais pensaria em tocar minhas músicas antes disso, né? Trabalhar com a Débora Costa! Admirava ela para caramba, né? A menina tocava de manhã, de tarde e de noite, em tudo quanto é lugar. Como é que a gente ia fazer isso, né? Então assim, mas como grupo organizado, eu não me lembro de ter visto. Pode ser que tenha acontecido, mas não tô muito lembrada. Não foi uma coisa que me marcou muito não, né?

Frederico: Mas acho que teve esse lado que você falou. Os contatos, né? Essa rede de contatos que foi se criando, ou já tava... Isso eu vi acontecer. Outras pessoas falaram disso, de contatos. Acho

que assim... Eu acho que é isso! Vocês já falou tantas coisas assim, né? Muito bom!

Camila: Acho que já falei pra caramba, né? Isso, isso, isso, isso... (risos)

Frederico: Você falou que era organizada, né? Acho que nesse aspecto também! (risos). A fala super organizada.

Camila: Eu já vou imaginando a minha agenda semanal! Tem isso, tem isso, tem isso... (risos)

Frederico: É muito bom, ótimo! Acho que foi ótimo! Adorei a conversa! Achei muito legal (sic) as coisas que você trouxe, né? Eu acho que uma coisa que mais vi assim, forte, de início, não só dos projetos muito legais, mas isso: você tem uma atitude muito positiva! Isso é muito bom, né? Assim, com relação a todas essas coisas. A escolha de como conduzir as coisas. Muito legal! Ué Camila, acho que tá legal. Acho que é isso. Acho que não tem nada que eu queira perguntar mais não. Foi muito bom. Te agradeço demais de novo, né? O seu tempo e essa contribuição útima, muito rica! Eu vou ver as coisas que você me passou, porque ali tem mais elementos também.

Camila: Você vai montar um site? Isso que você falou?

Frederico: Exatamente. Um site, primeiro. E aí vou fazer uma compilação dessas conversas todas para tentar tirar um texto mais curto sobre essas experiências, como é que elas caminham. Como que foram positivas em aspectos diferentes para pessoas diferentes, né? E para problemas diferentes também. E fazer uma publicação pequenininha, de bolso, sabe? Com essas dicas assim, né? Tipo disso: atitudes, caminhos possíveis frente a... Não só situações parecidas, né? Mas até do próprio lidar com essas redes, né?

Camila: Legal! Me dá notícias mesmo. Quero acompanhar o resultado.

Frederico: Legal demais. Vou te dar notícias!

Camila: O negócio da atitude, Fred, é uma coisa que foi muito importante para mim, que eu aprendi muito na pandemia, sabe? Eu reclamava muito das coisas, muito! Mesmo que eu não falasse, dentro da minha cabeça eu tava reclamando. Eu via muito o lado negativo das coisas. E eu vi que isso me envenenava. Durante a pandemia estava tudo tão difícil, tão ruim mesmo, tão difícil! Só notícia ruim, que eu acho que me fez cair a ficha que se eu produzisse mais pensamento ruim dentro de mim - tipo: fora já tava ruim - eu não ia aguentar, eu ia sucumbir e voltar para depressão, que para mim é passado.

Fiz terapia por muitos anos e tudo mais. Então, eu comecei a focar na solução: o que eu posso fazer? Quê que eu posso fazer? Porque eu só posso controlar eu (sic). Não posso falar mal da pessoa que não usa máscara, não tem como mudar a vida dela. Eu só posso mudar eu (sic), sabe? E aí consegui. Foram insights que vieram durante a pandemia: de que a gente só vive mesmo quando a gente tá bem. O resto é sofrimento, né? Momentos que a gente quer esquecer, não fazem muito parte da vida, né? Então, a pandemia me fez... Fez muita gente, né? A todo mundo: esse brotar de um lugar que não imaginava. Era uma questão de sobrevivência: ou você foca na solução, ou você vai sucumbir na tristeza, porque tá tudo difícil mesmo, né?

Frederico: Nossa! É isso mesmo! E muito bonito! Acho que você falou que perdeu pessoas, e eu também. Eu perdi meu pai e minha mãe.

Camila: Nossa, que coisa.

Frederico: Obrigado. Mas é isso. Ao mesmo tempo, a gente aprende disso também, né? Que se a gente ficar morando no sofrimento, isso não faz sentido. A gente tem que olhar o lado bom, o prazer de estar aqui, nesse mundo maravilhoso, né? Porque é, né?

Camila: É isso eu comecei a dar valor demais ao prazer, sabe? Eu achava antes da pandemia que viver era trabalhar. Não! Hoje, para mim, viver é trabalhar também, mas tem que ter prazer, tem que ter alegria. Tem que estar feliz fazendo as trem! Comer o que a gente gosta, encontrar as pessoas que a gente gosta, correr atrás do que a gente gosta! Antes a gente era muito workaholic. Não sei você, mas muita gente era workaholic. Tem que trabalhar!! Não gente, chega! A vida... Começar a ver a vida, né cara? Uma hora ela acaba, né? Nesse plano, pelo menos.

Frederico: Muito legal. É melhor que seja do melhor jeito possível, né? O tempo que a gente tá aqui, que seja o melhor possível, né?

Camila: Sim.

Frederico: Isso mesmo. Ah, muito legal! Obrigado.

Camila: Obrigado pelo convite! Adorei, viu?

Frederico: Foi ótimo! Obrigado! Um beijo e até uma outra hora!

Camila: Obrigado você também. Boa sorte. Valeu! Tchau, tchau!

Frederico: Foi ótimo! Obrigado!

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Para mais informações, acesse @para-alemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net. Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA